

a secretária de churchill

susan elia macneal

Tradução de Sónia Maia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Noel,
que sempre acreditou



Em tempos de guerra, a verdade é tão preciosa que devia estar
sempre acompanhada de um guarda-costas de mentiras.

— WINSTON CHURCHILL

Leio acerca da coragem da mulher pioneira
e da mulher na tempestade de areia e
da deusa de vestido de algodão na carroça coberta.
Então e a mulher da máquina de escrever coberta?

O que lhe resta, pobre rapariga,
quando sai do escritório?

— CHRISTOPHER MORLEY, *Kitty Foyle*



PRÓLOGO



Meia hora antes de morrer, Diana Snyder arrumou a sua secretária na sala das datilógrafas, nas Salas de Guerra do Gabinete. Levantou o olhar para os pesados ponteiros negros do relógio de parede e suspirou. Não havia janelas nas Salas de Guerra, o covil subterrâneo usado pelo pessoal do primeiro-ministro, reforçado por placas de cimento e considerado à prova de bala. Os tetos eram baixos; havia letreiros a avisar «Cuidado Com a Cabeça». As paredes, outrora brancas, tinham agora uma cor amarela baça, e o chão estava coberto por um linóleo castanho já gasto. Por cima da sua cabeça, viam-se tubos de drenagem que vinham do Tesouro. Embora o ar fosse filtrado por um sistema de ventilação especial, ainda se notavam os odores de cera para o chão, sanitas químicas e fumo de cigarro.

A sala sem janelas das datilógrafas era iluminada por quatro candeeiros pendentes de vidro verde e adornada por várias máscaras de gás, capacetes de aço e apitos para simulações de ataques aéreos. A pequena sala estava silenciosa, mas lá fora, no corredor, o ar subterrâneo era entrecortado pelo matraquear das máquinas de escrever, por conversas em voz baixa e pelo toque estridente dos telefones.

A única prova de que se estava na primavera era o calendário na parede. *Maio de 1940.*

Mais precisamente, 12 de maio de 1940. Winston Churchill acabara de ser nomeado primeiro-ministro. Exércitos de nazis marchavam pela Holanda, pela Bélgica e pelo Luxemburgo — e parecia que toda a Bélgica estava prestes a cair. Se e quando a Bélgica caísse, seguir-se-ia França. E depois de França, o que aconteceria? Ataques aéreos em Inglaterra, uma invasão a partir do mar? A Catedral de Saint Paul tornar-se-ia uma ruína fumegante,

devido às bombas lançadas de *Messerschmitts* e de *Heinkels*? Seriam içadas bandeiras vermelhas, brancas e pretas com suásticas nas Câmaras do Parlamento, com soldados nazis a marchar em passo de ganso pela Mall, passando pelo Arco Admiralty, para irem derrubar a Coluna de Nelson? Iriam instalar quartéis-generais militares no Palácio de Buckingham e executar oficiais de alta patente na Torre de Londres?

As pessoas a quem o Primeiro-Ministro Neville Chamberlain prometera «paz no nosso tempo» tremiam agora à beira de um abismo aterrorizante. Era um momento estranho, um estado parecido com um limbo em que o horror se aproximava rapidamente, mas a barbaridade ainda não se abateria realmente sobre o país.

Diana suspirou de novo e afastou uma onda desfeita de cabelo claro que, no início do dia, há quase dezasseis horas, fora um caracol.

Retirando as últimas folhas da máquina de escrever — do tipo especial, silencioso, que Churchill exigira quando tomara posse, para que as secretárias pudessem datilografar diretamente enquanto ele ditava —, Diana separou os originais das cópias a papel químico e colocou cada folha na respetiva pilha. Depois, despediu-se das outras datilógrafas, prendendo com um alfinete o chapéu de palha azul-marinho, adornado com malmequeres e cerejas.

Era tarde e a luz do Sol ia desaparecendo enquanto Diana se encaminhava para a paragem do autocarro. Havia balões de barragem prateados a pairar no céu, adquirindo tons róseos sob os raios de sol oblíquos, uma fraca proteção contra a ameaça de ataques aéreos nazis.

Nenhuma luz brilhava na escuridão crescente — as regras de *blackout* estavam em vigor desde que Neville Chamberlain declarara a guerra, há quase oito meses.

Tal como a maioria dos londrinos, o St. James Park tinha um aspeto descuidado. Os portões de metal haviam sido arrancados e levados para serem derretidos, alimentando assim o fabrico de munições. A maior parte do relvado cheio de ervas fora transformada em jardins da vitória¹. Homens de rostos pálidos e chapéus de coco pretos, com máscaras de gás por cima do ombro, caminhavam com passos tensos e apressados. Saíam de Whitehall ou do Parlamento, ou de qualquer outro edifício governamental coberto por espessas camadas de arame farpado e sacos de areia onde trabalhassem. Também havia mulheres, de uniformes cinzentos e castanhos, que desempenhavam funções de secretárias, enfermeiras e motoristas.

¹ «Jardins da vitória» eram jardins de legumes, frutas e ervas plantados em residências particulares ou em parques públicos durante as duas Guerras Mundiais. (N. de T.)

Diana gemeu para dentro ao ver a fila para o autocarro que costumava apanhar para o seu apartamento, um terceiro andar sem elevador em Pimlico.

— Raios — murmurou, contemplando a longa fila. A sua mãe, que vivia em Kent, teria ficado chocada. Não trazia guarda-chuva, tinha o chapéu inclinado sobre a orelha e os seus saltos eram um nadinha altos de mais. A mãe desaprovava sempre a forma como Diana se vestia. Camisolas demasiado justas, batom demasiado brilhante e chegava a casa demasiado tarde — e isto era antes de Diana se ter mudado para Londres. Essa fora a última gota. Uma jovem respeitável não ia trabalhar para Londres, nem mesmo para o primeiro-ministro. Especialmente para *aquela* primeiro-ministro. Seria melhor ficar em Kent, jogando ténis e *bridge*, enrolando ligaduras e tricotando meias para os soldados, até que aparecesse o homem certo, de uma família respeitável. Claro que, naquela altura, qualquer «homem respeitável» estava no exército, na marinha ou na RAF.

Diana ficou imóvel por um instante, ponderando as suas opções, com as feições delicadas momentaneamente franzidas de preocupação.

— Raios — repetiu, apreciando o calão proibido que só usava quando estava sozinha ou com as melhores amigas. Levantou os olhos para o céu que escurecia, e depois voltou-os de novo para a paragem de autocarro. Nunca conseguiria apanhar o autocarro seguinte; teria sorte se conseguisse entrar no que viesse depois desse. Por isso, decidiu ir a pé, o que lhe levaria uma boa meia hora a quarenta e cinco minutos, às escuras.

Diana começou a andar rapidamente, batendo com os saltos no chão com elegância. O Sol, depois de uma última explosão dourada, afundou-se no horizonte, deixando atrás de si algumas nuvens de um cinzento-rosado. Levantou-se vento, e ela estremeceu, baixando a cabeça e agarrando a carteira com força.

Depois do pôr do sol, a escuridão quase sólida engoliu-a. Estremeceu novamente na obscuridade húmida. Pensou no pequeno apartamento que partilhava com mais duas raparigas. Com o trabalho, as festas e os encontros amorosos, todas tinham horários irregulares. Ninguém a esperava em casa a uma hora específica.

Ouviu passos pesados atrás de si e apressou-se um pouco mais na escuridão cerrada, marcando um delicado ritmo *staccato* com os saltos no passeio. Instintivamente, embrulhou-se no casaco de sarja e apertou ainda mais a mala.

Ouviu as botas do homem a bater pesadamente sobre o passeio, agora

mais depressa. Diana sentia-o — o cheiro primitivo do perigo. Ele era o caçador e ela era a presa. Tentou perscrutar as trevas em busca de um polícia ou de um vigia de ataques aéreos. Mas não se via nada nem ninguém. Começou a correr, com a respiração a queimar-lhe os pulmões e os pés apertados nos sapatos.

Diana virou-se, com o coração aos saltos, pronta a gritar — e viu um homem à luz fraca da Lua nascente, com uma lanterna apagada na mão, envergando uma gabardina e um chapéu de coco. O homem tirou o chapéu e fez-lhe um sorriso acanhado.

— Desculpe, menina. Não queria assustá-la.

— Não, não — assegurou-lhe ela, com um sorriso. — Estou ótima. — Suspirou de alívio.

Sua tonta, pensou, a imaginar fantasmas e duendes, com a tua idade. É só um pobre homem que quer chegar a casa e juntar-se à mulher e aos filhos. É bem feito por não teres esperado pelo autocarro.

— Só me sobressaltei por um instante.

Por fim, Diana chegou ao seu apartamento, uma casa de tijolo com terraço em Pimlico. Levantou os olhos para o edifício — uma das suas companheiras de casa tinha a luz acesa e esquecera-se de fechar as cortinas opacas. *Vamos ser multadas por isto*, pensou, distraidamente.

— Raios — disse em voz alta, esquadrinhando a mala à procura de um cigarro.

Foi a sua última palavra.

Diana virou-se e viu um homem alto, com uma máscara de lã preta, que estivera à espera, escondido por trás dos arbustos, junto à porta de entrada. A única parte do rosto dele que conseguia ver eram os olhos, frios e fixos. Era musculado mas magro, e tinha as mãos cobertas por luvas de couro.

— Não diga uma palavra.

Diana deixou cair a mala.

— Vire-se — murmurou ele. — Mãos ao ar.

Com o coração na garganta, a respiração superficial e difícil e as axilas húmidas de medo, Diana virou-se e ergueu as mãos.

Ele usou um garrote. Sem qualquer aviso prévio, ela sentiu o choque quente do fio de metal apertando-lhe a carne, comprimindo-lhe a pele e os músculos.

Não conseguia respirar. Arquejou, sufocada. Finalmente, caiu para a rua, com a face contra o pavimento duro. Em agonia, deu os últimos estertores.

E, depois, morreu.

1



-Digo a esta Câmara, como disse àqueles que compõem este governo, que nada tenho a oferecer senão sangue, trabalho, lágrimas e suor. Temos à nossa frente uma provação terrível. Temos à nossa frente muitos, muitos e longos meses de luta e sofrimento — anunciou Winston Leonard Spencer Churchill à Câmara dos Comuns e à nação britânica no seu primeiro discurso como o novo primeiro-ministro.

Na Câmara devia reinar um silêncio completo, embora se tenha ouvido alguma estática nas ondas hertzianas enquanto Maggie se inclinava para a frente para ouvir a BBC no rádio. Ela e Paige estavam sentadas à mesa da cozinha, de mãos dadas, ouvindo o discurso. Charlotte, mais conhecida por Chuck, entrou silenciosamente na cozinha e encostou-se à ombreira da porta.

— Perguntam-me, qual é a nossa política? Posso dizer-vos: é fazer a guerra, por mar, por terra e por ar, com toda a nossa energia e com todas as forças que Deus possa dar-nos; fazer a guerra contra uma tirania monstruosa, nunca ultrapassada no catálogo sombrio e lamentável dos crimes humanos. É esta a nossa política. Perguntam-me, qual é o nosso objetivo?

» Posso responder-vos numa palavra: é a vitória, a vitória a todo o custo, a vitória apesar de todo o terror, a vitória, por muito longo e difícil que seja o caminho para lá chegar; pois, sem vitória, não há sobrevivência. Percebamos isto; não há sobrevivência para o Império Britânico, não há sobrevivência para tudo o que o Império Britânico representa, não há sobrevivência para o anseio e impulso das eras, para que a humanidade progrida na direção dos seus objetivos.

Chuck cumprimentou as duas raparigas, inclinando a cabeça. Juntas, ouviram o final do discurso num silêncio tenso.

— *Mas assumo a minha tarefa com vigor e esperança. Estou certo de que a nossa causa não fracassará entre os homens. Neste momento, sinto-me no direito de pedir a ajuda de todos, e digo: «Venham, vamos em frente juntos, unindo forças.»*

As três raparigas ficaram perfeitamente imóveis e caladas por um momento, absorvendo a solenidade daquelas palavras.

— Bem, pelo menos é a verdade — disse Maggie, afastando uma madeixa solta de cabelo ruivo. — Não tentou fingir que está tudo bem e iludir-nos com palavras fáceis de conforto e mentiras.

— Não sei — disse Chuck às duas raparigas, enquanto se ouvia uma versão estridente de *Deus Salve o Rei*, e ela se aproximou para desligar o rádio.

— Vejam o que aconteceu na Polónia. Vejam o que está a acontecer na Bélgica, na Holanda e em França — disse Paige. — Talvez o Embaixador Kennedy tivesse razão. Ele disse que o Hitler não quer a Inglaterra. E se nós, simplesmente...

Chuck fungou.

— Oh, claro. E, depois, vão parar? Acreditas mesmo nisso?

— Esta guerra é diferente — disse Maggie. — É uma guerra do povo. Não são só os soldados que estão na linha da frente, são também os civis. Nós somos a nova linha da frente. — Ao dizer estas palavras, o peito apertou-se-lhe um pouco. Era verdade. A Inglaterra podia ainda estar no início da guerra, em que nada verdadeiramente perigoso acontecia, mas as coisas estavam prestes a mudar. Os Nazis tinham invadido a maior parte da Europa e não havia dúvida de que se encaminhavam para Inglaterra. Iriam as tropas tentar invadi-la por mar ou por ar, com paraquedistas? Fosse como fosse, o panorama era sinistro.

— Sim — disse Chuck. — Temos tantas probabilidades de sermos bombardeadas aqui em casa como os soldados que estão em França.

— Para com isso! — disse Paige, tapando os ouvidos. — Para!

Chuck franziu o sobrolho e ajeitou o casaco de malha verde-garrafa, como um general a alisar o uniforme antes de se apresentar novamente ao serviço.

— Chá — declarou na sua voz profunda e sonora, mudando deliberadamente de assunto. — Precisamos todas de chá. Não haverá sangue, trabalho, lágrimas nem suor até eu tomar chá.

Chuck era assim, prática e pragmática. Mais bela do que bonita, com cabelos acastanhados brilhantes, feições marcadas e espessas pestanas

pretas, Chuck McCaffrey trabalhara para o embaixador dos EUA Joseph Kennedy, juntamente com Paige Kelly, antes de a guerra começar.

Maggie Hope fora para Londres por uma razão completamente diferente — para vender a grande casa vitoriana, cheia de infiltrações e de madeiras rangentes, que pertencera à sua falecida avó. Mas, quando a Grã-Bretanha declarou a guerra, e Joseph Kennedy começou a ser citado nos jornais por declarações pró-nazis, tanto Paige como Chuck se despediram dos empregos em que trabalhavam para o embaixador — e perderam as casas pagas pela embaixada. Maggie, impressionada pela decisão delas, convidou-as para viverem consigo, e elas aceitaram, agradecidas.

Paige e Maggie tinham-se conhecido anos antes de qualquer delas ir para Londres, na Universidade de Wellesley, uma faculdade só para mulheres em Massachusetts. Paige era uma debutante rica da Virgínia, com ondas perfeitas num cabelo dourado brilhante e um rosto em forma de coração, e Maggie, uma filha de professores universitários ruiva e pálida, muito mais interessada em frações do que em moda; mas, ainda assim, tinham-se tornado rapidamente amigas. Encontrarem-se em Londres fora um feliz acaso; tornarem-se companheiras de casa transformara uma necessidade financeira num prazer. A renda que as colegas pagavam, juntamente com o trabalho de Maggie dando explicações particulares a alunos de matemática, permitia-lhe permanecer em Londres.

Chuck dirigiu-se à chaleira de cobre que estava em cima do fogão, mas deteve-se subitamente ao ver o estado do lava-louças, onde se empilhavam pratos sujos.

— Nossa Senhora!

Maggie encolheu os ombros.

— As gémeas. — As gémeas em causa eram Annabelle e Clarabelle Wiggett, duas jovens louras com ar de fadas que também viviam naquela casa, e eram tão conhecidas pelos seus sotaques noruegueses cerrados e risinhos incessantes, como pela desarrumação catastrófica que causavam. Chuck referia-se-lhes, não necessariamente com antipatia, como as «Belas Barulhentas», as «Belas Burras» ou as «Belas do Inferno».

Chuck fez um profundo som gutural.

— Vamos cortar-lhes a cabeça — murmurou, arregaçando as mangas e pegando no pano da louça.

O telefone tocou, e Paige correu a atender.

— Está? — arrulhou, como se esperasse ouvir do outro lado a voz de um dos seus numerosos namorados. Depois, disse: — Ah, sim, David...

ela está aqui. — David era David Greene, um bom amigo de Maggie, que trabalhava como secretário particular de Winston Churchill.

Maggie pegou no pesado auscultador preto de baquelite e sentou-se à mesa da cozinha, passando os dedos pelas fendas e vincos da madeira.

— É que a rapariga desapareceu — disse David, em voz solene. — Na verdade, é um pouco mais grave do que isso. Mas o que interessa é que precisamos de uma substituta. Para ontem.

— Ela não foi assassinada há uns dias? — perguntou Maggie. — Assaltada por um punhado de libras? Vi qualquer coisa no *The Times* acerca disso. E em Pimlico, ainda por cima...

Paige e Chuck viraram-se para ouvir.

— Olha, é uma situação terrível, Magster, mas a guerra continua e há trabalho a fazer. Agora mais do que nunca. Temos de preencher a vaga.

— Eu e a Paige já decidimos, vamos ser motoristas. A atração da estrada aberta, e isso tudo.

— Maggie, minha querida, eu sei que és boa a escrever o que te ditam e a datilografar. E é disso que precisamos agora. E, por favor, deixa-me frisar o *agora*.

Maggie recostou-se na cadeira. Já percebera para onde se encaminhava a conversa.

— Bem, então, porque não o fazes *tu*?

— Eu já sou secretário particular, faço pesquisas e esse tipo de coisas. Além disso, eu não sei, bem...

Maggie ergueu uma sobrancelha.

— Queres dizer que não sabes... datilografar?

— Não muito depressa, receio bem — disse ele. — Mas *tu* sabes, e és rápida. E é isso que é preciso. — E depois: — Precisamos de ti.

Maggie ficou calada. Terminados os pratos, Chuck voltara ao seu chá, quase fazendo desaparecer a caneca entre as mãos grandes e hábeis. Paige lia o jornal.

— Por Zeus, mulher! — exclamou David, sobrepondo-se aos estalidos na linha. — É uma oportunidade de trabalhares na linha da frente. Estarias a fazer algo importante. A fazer a diferença.

A consciência de que ele tinha razão atingiu-a. Podia fazer a diferença. Mas não da forma que queria, usando as suas competências matemáticas. Como datilógrafa.

— Trabalhar para o Churchill é um dos empregos mais difíceis e mais desafiantes que podes ter. E, além disso, é vital. Mas a decisão é tua, claro.

Não posso dizer que não vai ser duro. Mas, se estiveres interessada, posso fazer com que te deem a vaga. Já começámos a tratar dos papéis, para provar que és uma cidadã britânica com boa reputação... apesar do teu horrível sotaque.

Maggie não pôde deixar de sorrir; David adorava troçar do seu sotaque americano.

— Haveria *alguma* hipótese de eu participar na pesquisa e redação dos textos? Afinal, com o meu curso, poderia ajudar mais, especialmente em coisas como teoria das filas, atribuição de recursos, teoria da informação, decifração de códigos e de cifras...

Ele suspirou.

— Lamento, Maggie, mas só estão a contratar homens para essas tarefas. Compreendo a tua frustração...

Maggie já se candidatara a um emprego de secretária particular, um cargo habitualmente ocupado por homens jovens de classe alta, saídos de Oxford ou de Cambridge. Apesar de ter qualificações mais do que suficientes, fora recusada.

— Não, David. Não compreendes. — A culpa não era dele, mas, mesmo assim, a verdade magoava. Só lhe era permitido datilografar e arquivar, enquanto homens da sua idade, como David, podiam fazer mais: pesquisas, relatórios, redação. Não era justo, e sabê-lo dava-lhe vontade de atirar e partir coisas. Sabia que era uma reação imatura, mas também era honesta. — Preferia conduzir ou trabalhar numa fábrica, a fazer tanques.

— Maggie... porquê?

— Olha, logo tu, devias saber porquê. — Afinal, David também não estaria ali se soubessem *tudo* acerca dele. — *Tu não podes julgar-me.*

— Lamento...

— Lamentas? *Lamentas?* — disse ela, levantando a voz. Na cozinha, as outras raparigas fingiam estar muito, muito absorvidas no que estavam a fazer. — Perfeito. Lamentas. Mas isso não muda nada. — A sua dicção tornou-se mais perfeita. — Não *muda* o facto de que, quando fui à entrevista para o emprego de secretária particular, tinha qualificações *mais* do que suficientes. Não *muda* o facto de o Dicky Snodgrass me ter tratado como um *cretino* condescendente. Não *muda* o facto de o John me ver como uma simples rapariga incapaz de mais do que datilografar, casar e ter filhos. E não *muda* o facto de terem contratado aquele *verme* estrábico do Conrad Simpson... um idiota que, provavelmente, ainda precisa de ler em voz alta

e de contar pelos dedos... só porque o paizinho dele tem um título fino e ele tem um... um... um *pénis!*

Fez-se silêncio do outro lado, e depois a linha estalou. Na cozinha, as raparigas olharam umas para as outras, chocadas.

— E já sei que o facto de teres toda a razão não melhora a situação em nada — disse David.

— Está bem, então — disse Maggie, um pouco mais calma agora que desabafara. Depois, acrescentou: — E se for a Paige?

Paige levantou os olhos do jornal; a manchete era «Traição na Quinta Coluna».

— O *que tem* a Paige? — perguntou ela. Maggie abanou as mãos, mandando-a calar.

— A Paige é americana. Só são admitidos cidadãos da Commonwealth — explicou ele.

— E a Chuck?

Chuck ainda estava debruçada sobre o chá, mas as suas costas retesaram-se.

— A Chuck está a estudar enfermagem, e em breve será muito necessária — disse David. — Além disso, sabes muito bem que a Irlanda não faz parte da Commonwealth. As coisas ainda estão um pouco... problemáticas entre a Inglaterra e a Irlanda, se é que me entendes.

— Ah — disse Maggie. — Claro. — Chuck era irlandesa. E, com todos os violentos antecedentes entre Inglaterra e a Irlanda, além dos recentes bombardeamentos do IRA em Londres, Maggie percebia porque a presença de uma cidadã irlandesa no N° 10 não seria sequer considerada, quanto mais aprovada.

Maggie inspirou fundo. Apesar da sua frustração com o sistema em vigor, sabia que estava na hora de abdicar do seu orgulho e de fazer o que tinha de ser feito. *Aqui está uma coisa que eu posso fazer pelo esforço de guerra*, pensou, *uma coisa que posso fazer, e fazer bem. Há uma necessidade, e eu posso preenche-la.* Era tão simples como isso. E, em tempo de guerra, só isso importava.

— Está bem, então — disse, com um suspiro dramático. — Sim, eu faço-o. Muito bem. Arranjaste uma secretária.

— Linda menina! Eu sabia que ias aceitar. Então, vemo-nos amanhã no Número Dez, às oito em ponto. Há muito trabalho a fazer.

— Eu sei. Lá estarei. — E, depois, acrescentou: — Obrigada, David. Podes contar comigo.

...

MICHAEL MURPHY SAIU CEDO DO SEU APARTAMENTO NO SOHO, SEM levar guarda-chuva apesar de o céu prometer mau tempo.

Parou na beira do passeio enquanto abotoava o seu velho impermeável para se proteger do frio da manhã, segurando com força uma pequena pasta de couro gasto entre os pés. À sua volta, desenrolava-se uma terça-feira londrina normal — o trânsito intensificava-se, uma sirene apitava, as lojas e os cafés abriam, as pessoas caminhavam apressadas pelos passeios ou esperavam pacientemente em filas pelos autocarros vermelhos de dois pisos. Alguns pardais castanho-claros bicavam migalhas, e o ar húmido era atravessado pelos fumos de escape dos carros.

Satisfeito por nunca ter visto qualquer dos rostos que formavam a multidão, dirigiu-se a Piccadilly Circus. A estátua de Eros com o seu arco fora removida para ser guardada em segurança, e a fonte de Shaftsbury estava emparedada com largas placas de madeira. Aquela zona, limitada pelo Pavilhão de Londres e pelo Criterion, já estava atulhada de pilotos da RAF em licença, membros do braço feminino da Marinha Real com uniformes castanhos e batom brilhante e rapazinhos a gritar e a vender jornais.

Acima das suas cabeças, havia enormes painéis publicitários: *Guinness faz-lhe bem. Água Tônica Bovril Schweppes. Para bem da sua garganta, fume Craven A. E.*, para o caso de alguém poder esquecer-se da guerra: *Podia ser VOCÊ — Tratar dos Evacuados É um Serviço Nacional.*

Murphy desceu o íngreme lanço de escadas que levava à estação de metro de Piccadilly Circus, comprou o bilhete e depois desceu ainda mais, até às entranhas do metropolitano. Ao afundar-se cada vez mais debaixo da terra, o ar fresco começou a cheirar-lhe a fumos de escape, lixo apodrecido e suor antigo.

O comboio chegou com um estrépito retumbante, e ele entrou comprimido entre os outros passageiros — homens de negócios com fatos amarrotados, chapéus de feltro e jornais na mão, alguns soldados, uma enfermeira com uma touca branca. Passou da linha de Piccadilly para a do Norte, reparando numa jovem especialmente bela com um chapéu cilíndrico cinzento e batom vermelho, um pouco desconcertante a uma hora tão matinal. Sorriu à mulher e tocou na aba do chapéu. Ela corou e baixou os olhos.

Ele fez a viagem de pé, e depois saiu do comboio, juntamente com uma multidão de passageiros, quando as portas se abriram na estação de Euston. Instintivamente, meteu a mão dentro do casaco e tateou o cabo da pistola.

Estava ali, dura e tranquilizadora.

Acompanhou o resto das pessoas, deixando-se ficar ligeiramente para

trás, até a maioria ter chegado ao cimo das escadas, restando na sua esteira um momento de acalmia antes da chegada do comboio seguinte.

Num movimento suave e experiente, meteu a mão na pasta e desprendeu uma lingueta, ativando a bomba aí contida. Depois, com mais um movimento rápido, deixou-a cair na boca bem aberta de um caixote do lixo.

Subiu as escadas, agora em passo rápido. Viu um homem de rosto carnudo e corado que tocava *The Sailor's Hornpipe* num violino levemente desafinado. Murphy atirou umas moedas para a caixa aberta do violino, detendo-se para piscar o olho à mulher do chapéu cinzento, que parara a ouvir. Ela corou de novo.

Passou por um torniquete e subiu apressadamente mais um íngreme lanço de escadas, chegando então ao ar livre. Percorreu alguns quarteirões e descobriu um café do outro lado da rua.

Entrou e sentou-se junto das grandes janelas de vidro laminado, arrastando a cadeira de madeira escura pelo chão de azulejos pretos e vermelhos.

Depois, olhou para a empregada e pediu um bule de chá.

MURPHY ESTAVA A APRECIAR O SEU PRIMEIRO GOLE QUANDO O chão abanou levemente e as mesas de madeira gasta e os pratos de porcelana lascada com flores tremeram apenas um instante.

Fez-se um silêncio inquieto e os outros clientes endireitaram-se, perguntando-se o que se passara, esperando.

As pessoas começaram a murmurar, e algumas levantaram-se para ver o que causava confusão no exterior. Um bebé começou a chorar, e a mãe apertou-o com força contra si.

Depois, começaram a passar pessoas em frente do café, algumas feridas e ensanguentadas, de rostos contorcidos pelo choque. *E estas foram as que tiveram sorte*, pensou ele.

Viu a mulher do chapéu cinzento, a quem piscara o olho. Tinha o chapéu de lado, e o batom borrado. Deitava sangue de um corte no rosto, que pingava, vermelho-escuro, sobre o fato cinzento-claro. Passou pela janela do café, sem o ver.

À distância, ouvia-se o grito das sirenes, mais forte à medida que se aproximavam.

Murphy deixou algumas moedas sobre a mesa para pagar o chá e saiu, juntando-se ao tropel e saboreando a confusão e o caos que causara.

2



○ Nº 10 da Downing Street, o histórico edifício de tijolos pretos que servia de escritório e casa ao primeiro-ministro britânico, parecia austero e desprezioso, especialmente em comparação com o Parlamento, o Big Ben e todos os outros grandiosos edifícios governamentais góticos de Westminster. Era quase ascético na sua simplicidade — como que sugerindo que, enquanto os outros edifícios poderiam servir um propósito de ostentação, era ali que o governo realmente se reunia, que o trabalho era realmente feito.

A Downing Street estava fechada ao público em geral desde setembro anterior. O próprio edifício encontrava-se rodeado de sacos de areia e espessos rolos de arame farpado, preparado para ataques iminentes.

Maggie Hope subiu os degraus, passou pelos guardas e bateu à porta. Esta abriu-se e ela foi conduzida por um dos guardas altos e uniformizados para lá da famosa porta preta e brilhante com o seu batente de bronze em forma de cabeça de leão, e através do átrio principal. Percorreu-o, mal reparando no relógio de pé *Benson de Whitehaven*, na arca do Duque de Wellington e no retrato de *Sir George Downing*. Prosseguiram, subindo a grandiosa escadaria flutuante. A partir daí, viraram algumas vezes em vários corredores e passagens estreitas e sinuosas até chegarem ao gabinete das datilógrafas, inundado dos odores de cera para chão e fumo de cigarro. O guarda deixou-a aí.

Ela tirou o chapéu de palha castanho com um laço de seda violeta e as luvas. O silêncio só era interrompido pelo tiquetaque sonoro de um relógio de parede e pelo murmúrio baixo de conversas, a algumas salas de distância.

Então, surgiu uma voz:

— Como está, Menina Hope?

De pé, à porta, encontrava-se uma mulher alta e magra, de cinquenta e poucos anos. O seu cabelo negro e brilhante estava salpicado de fios brancos e apanhado num puxo lustroso. A beleza natural do seu rosto ficava obscurecida pelos pesados óculos de aros pretos empoleirados na ponta do nariz.

— Sou a Sra. Catherine Tinsley — disse ela, de lábios franzidos.

— Como está, minha senhora? O meu nome é Margaret Hope... mas, por favor, chame-me Maggie.

A Sra. Tinsley olhou-a por cima do nariz e mediu-a de alto a baixo. *Bonitinha, calculou, mas demasiado jovem, demasiado magra e extremamente pálida. E aquele horrível cabelo ruivo apanhado num puxo. Pelo menos, teve o bom senso de trazer um vestido simples e sapatos rasos. Ao contrário daquela outra fedelha, a Diana. Pobre rapariga. Que maldade aquela.*

— Bem, Menina Hope — disse ela, sentando-se por trás da maior secretária de madeira, que tinha um candeeiro de cobre —, por favor, chame-me Sra. Tinsley. Sou a secretária mais antiga do Sr. Churchill. Embora o Sr. Churchill seja primeiro-ministro há pouco tempo, saiba que eu trabalho para a família dele há mais de vinte anos.

Olhou para Maggie por cima dos óculos para se certificar de que ela ficara devidamente impressionada.

Maggie tentou compor a sua expressão de forma a mostrar que assim fora.

— *Espero* que se dê melhor aqui do que as outras raparigas que cá estiveram.

— Sim, senhora. — *Especialmente a última*, pensou Maggie tristemente, ao sentar-se na cadeira pequena e dura em frente da secretária da Sra. Tinsley. — Farei o meu melhor, minha senhora.

— É para isso que aqui está. E não pense que o Sr. Churchill ficará muito satisfeito ao vê-la. Não gosta de funcionários novos.

Isto está a correr bem, pensou Maggie, desanimada. *Será tarde de mais para ir derreter restos de metal?* Tinha boas competências em trabalho de escritório... mas seriam suficientemente boas?

Afinal, ela não era uma verdadeira secretária, mas uma licenciada por Wellesley, *summa cum laude*, Phi Beta Kappa, fluente em alemão e francês, prestes a iniciar um doutoramento em Matemática no M.I.T. Ou

fora. *Não que a Sra. Tinsley — ou qualquer outra pessoa no N° 10 — se importe com isso.*

— Seja como for — a Sra. Tinsley suspirou, abanando a cabeça —, é sempre difícil ao princípio.

Maggie endireitou-se na cadeira de madeira de costas retas e ergueu o queixo. *Vou mostrar-vos, pensou, vou mostrar-vos a todos.*

— Estou pronta para tudo, minha senhora.

— Muito bem, então — disse a Sra. Tinsley. — Mas lembre-se: se desistir agora, ninguém lhe levará a mal.

FOI UM DIA LONGO.

Maggie conheceu a Menina Stewart, uma mulher mais velha, pequena e roliça, com olhos azuis lacrimejantes e cabelo branco como a neve com uma larga madeixa cor-de-rosa, mais uma das secretárias de Churchill. Falava numa voz suave e melodiosa. Sussurrou-lhe que o escritório estava mais calmo porque «Ele» fora passar a semana a Chequers, a casa de campo oficial do primeiro-ministro. Avisou-a de que o ambiente era muito mais intenso quando «Ele» ali estava.

Fantástico, pensou Maggie. Imagino a Sra. Tinsley sob pressão.

Maggie foi também apresentada a Richard Snodgrass, o secretário particular principal. *O maldito que impediu que eu ficasse com o emprego de secretária particular, pensou.*

— Obrigada, Sra. Tinsley. Mas eu e o Sr. Snodgrass já nos conhecemos.

Há vários meses, Maggie candidatara-se ao cargo de ilustre secretária particular, mas não o obtivera. Não eram permitidas mulheres. *Nada de meninas no precioso recinto dos secretários particulares, pensara Maggie.* No sistema de castas do N° 10, as mulheres eram secretárias — datilógrafas. Os homens, geralmente da classe alta e licenciados por Oxford ou Cambridge, é que eram secretários particulares, e faziam pesquisas, redigiam relatórios e aventavam opiniões, enquanto as mulheres escreviam o que lhes era ditado.

Richard Snodgrass era baixo, e o seu fato de trespassse às riscas fazia-o parecer ainda mais baixo. Tinha o cabelo preto oleoso puxado de forma a cobrir a calvície. As suas mãos eram pequenas e macias, e pestanejava rapidamente, como se tivesse acabado de chegar a um sítio iluminado depois de muito tempo na escuridão. *Como uma pequena toupeira, pensou Maggie.* Detetou o aroma a água-de-colónia de vetiver.

— Sr. Snodgrass, a Menina Hope é a nossa nova datilógrafa — disse a Sra. Tinsley.

— Muito bem — respondeu ele com rigidez, lembrando-se vagamente do nome.

— É óbvio que causei uma forte impressão com a minha personalidade fulgurante — disse Maggie, secamente.

— Fico contente por ver que encontrou o seu lugar aqui no Número Dez, Menina Hope. Estou certo de que se dará bem... com as outras senhoras.

Maggie fez um sorriso forçado.

— Obrigada.

— Menina Hope. Acerca do cargo de secretária particular...

Oh, isto promete, pensou ela.

— Pode ser muito inteligente. Para mulher. — Ele tossiu. — Mas, sabe, as mulheres... mesmo as inteligentes, com formação universitária... têm o mau hábito de se despedirem para casar. Não se pode contar com elas para ficarem muito tempo no cargo e acabarem o trabalho que começaram. Especialmente em tempo de guerra.

Maggie ficou calada, indignada por dentro.

— Afinal, se abrissemos uma exceção para si, não tardaríamos a ser inundados por mulheres a querer ocupar cargos superiores. E, então, como seria? Quem se ocuparia da datilografia?

Snodgrass riu-se.

As duas mulheres não se riram.

Maggie desconfiava que a Sra. Tinsley estava tão zangada como ela.

— Sr. Snodgrass — começou Maggie, sem conseguir conter-se —, como está a sair-se o Sr. Simpson?

Snodgrass pareceu confuso.

— O Sr. Simpson?

— Sim, o Sr. Conrad Simpson. O que foi contratado para secretário particular. Em vez de mim. Como está a sair-se no seu novo cargo? — Maggie sabia muito bem, por David, que Conrad tinha sido despedido; tivera um desempenho terrível no cargo.

— Ele, ah, seguiu o seu caminho.

— A sério? — disse Maggie. — Então, não pôde contar com ele para ficar muito tempo no cargo e acabar o trabalho que começou?

— Menina Hope, isso não é...

— E, como vê... eu estou aqui, e ele não.

— Menina Hope! — A Sra. Tinsley parecia chocada.
— Só queria saber o que tinha acontecido ao Sr. Simpson — disse Maggie. — Obrigada por me esclarecer.
Snodgrass gaguejou:
— Isso não é... — E depois recompôs-se. — Não a retenho mais — atirou, acenando com a mão enquanto dava meia-volta e se afastava.
— Voltemos ao trabalho, Menina Hope — disse a Sra. Tinsley, severamente.

MAIS TARDE, NESSA NOITE, DOIS JOVENS DE FATOS ESCUROS PASSARAM pela porta do gabinete.

A Sra. Tinsley viu Maggie levantar os olhos e franziu o sobrolho.

— Deve saber, Menina Hope, que os secretários particulares, embora jovens, são homens de considerável prestígio. Sob a orientação do Sr. Snodgrass, servem de tampão entre o Sr. Churchill e o resto do mundo, certificando-se de que ele tem tudo o que necessita: fazem pesquisas, redigem rascunhos, elaboram relatórios. Quando saírem daqui, terão carreiras ilustres.

— Sim, eu... — *Sei disso muito bem*, pensou Maggie.

— Os secretários particulares têm uma educação de elite, e o trabalho que desempenham exige um grau muito elevado de inteligência, atenção e sensibilidade. Deve compreender, Menina Hope, que isto é um assunto sério. Estamos em guerra, e isso não deixa muito tempo livre para namoricos e afins. Os secretários particulares não têm tempo para devaneios com estudantes. Esperamos que todos os funcionários ajam com a dignidade característica do Número Dez. Estamos entendidas?

— Claro que sim, Sra. Tinsley. — *Eu? A ter devaneios com os secretários particulares? Oh, deem-me já uma bomba em cima e acabemos com isto.*

— Muito bem, então — disse a Sra. Tinsley, olhando para os ponteiros pretos do relógio. — Já trabalhou um dia completo. Pode ir.

Nesse momento, um gato preto e branco saltou para cima da secretária da Sra. Tinsley.

— Ohhh! — exclamou ela, tentando enxotá-lo com as mãos. — Criatura horrível!

Maggie pegou nele e pousou-o cuidadosamente no chão.

A Sra. Tinsley fungou.

— É o *Nelson*, um dos gatos dos Churchill. Deram-lhe o nome do

Lorde Nelson, claro. Verá que os animais deles têm autorização para andar por aqui com bastante... liberdade.

Um jovem desenvolto entrou de rompante na sala, com um chapéu *Anthony Eden* na mão e uma gabardina no braço. David Greene — que telefonara a Maggie para lhe propor aquele emprego — era baixo e franzino, com cabelo cor de areia e olhos brilhantes, emoldurados por óculos com aros de arame. Tinha um ar endiabrado, como se a qualquer momento pudesse assumir o papel de Puck².

John Sterling seguia-o, poucos passos atrás, de cabeça baixa. Era mais alto do que David, com olhos sérios e um rosto angular. Parecia ter sido ele mesmo a cortar o cabelo castanho, forte e encaracolado, sem recorrer a um espelho. As rugas entre as sobrancelhas indicavam preocupações pouco consentâneas com a sua idade.

— Boa-tarde, senhoras — disse David, fazendo uma vénia cortês. — Como está, Sra. Tinsley?

— Sr. Greene, Sr. Sterling — disse ela, remexendo no colar de pérolas veludíneas —, precisam de alguma coisa?

John tinha uma expressão abatida.

— Ouviu falar da bomba?

— O quê? Não — disse a Sra. Tinsley, sobressaltada. — Que bomba? Os alemães? A Luftwaffe?

John abanou a cabeça.

— Na estação de Euston. O IRA, muito provavelmente.

Momentaneamente contido, David declarou:

— Cinco mortos, mais de cinquenta feridos.

— Isso é horrível — disse Maggie, empalidecendo. *Pobres pessoas, que estavam só a tratar da sua vida, pensou. Num minuto saíam de um comboio, e no minuto seguinte... já não é suficientemente mau estarmos à espera de ataques aéreos dos Nazis, ainda tem de vir o IRA piorar as coisas? Já para não falar naquela rapariga que foi esfaqueada.*

— Controle-se, Menina Hope — atirou a Sra. Tinsley. — O mais certo é que, quando esta guerra acabar, já tenha visto muito pior. A propósito, estes senhores são o Sr. David Greene e o Sr. John Sterling, dois dos secretários particulares do Sr. Churchill.

Claro que são. Maggie conhecia os dois há mais de um ano, tendo-lhes sido apresentada por Paige e Chuck. David era um dos seus melhores

² Puck é um ser mitológico das Ilhas Britânicas de carácter brincalhão e travesso. É uma das personagens da peça *Sonho de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare. (N. de T.)

amigos. John era... bem, John era um enigma. Maggie descrevê-lo-ia como sério, condescendente e, em geral, irritante.

— Então, como foi o teu primeiro dia, Magster? — perguntou David, encostando-se à secretária de Maggie enquanto ela se endireitava.

— Ótimo, Sr. Greene — respondeu ela, num tom calculado, olhando-o nos olhos e tentando transmitir-lhe a mensagem de que deveria manter um tratamento formal, pelo menos no escritório. Levantou-se para ir buscar o casaco e o chapéu ao gancho junto à porta. — Obrigada.

— Sabia, Sra. Tinsley — continuou David —, que não só a Menina Hope vem dos bons velhos Estados Unidos, como é óbvio pelo seu sotaque atroz, como foi vaqueira num rancho do Texas?

A Sra. Tinsley inspirou profundamente.

— Garanto-lhe, Sra. Tinsley — disse Maggie, com toda a dignidade que conseguiu reunir —, que sou cidadã do Reino Unido. Nasci aqui em Londres; os meus pais eram ambos cidadãos britânicos. Contudo, fui criada perto de Boston.

— Não sabia que havia ranchos em Boston — disse a Sra. Tinsley, franzindo as sobrancelhas.

— Claro que não há. — Maggie deitou um olhar furioso a David, que adotou uma expressão inocente. — O Sr. Greene julga-se muito esperto.

— Não há problema, Magster — disse David. — Afinal, o Chefe é meio americano, por parte da mãe. Até diz ter algum sangue de índio iroquês. Por isso, vais enquadrar-te bem.

A Sra. Tinsley franziu os lábios e cruzou as mãos. Não era bom sinal.

— Menina Hope, pode sair. Eu ainda tenho trabalho a fazer... estamos em guerra, sabe? Boa-noite, Sr. Greene, Sr. Sterling.

E saíram os três.

— QUERES DIZER QUE NÃO SOU MUITO ESPERTO? MAGGIE, OFENDESTE-ME — disse David enquanto saíam do N° 10 para o caminho que ladeava o St. James Park, apanhando o ar suave de maio. A chuva parara. Raios de sol oblíquos cor de limão trespassavam as nuvens, embora alguns pássaros (pardais, corvos, gralhas) entoassem avisos de que vinha aí mais chuva. — Então, a sério... como foi o teu primeiro dia?

— Não esperava que fosse tão parecido com um colégio seleta para meninas.

John olhou-a; Maggie reparou que tinha os olhos orlados de sombras.

— Desculpa?

— Não interessa. Só percebias estando lá.

— Oh, a Tinzer é boa pessoa, quando nos habituamos a ela — disse David —, e é o Número Dez da Downing Street. O que esperavas?

— Está tudo bem, a sério — disse Maggie, com uma coragem que não sentia realmente. — Sei que consigo fazer o trabalho, é só uma questão de conhecer os cantos à casa.

— Vamos ao Rose and Crown para comemorar o teu primeiro dia — disse David enquanto desciam a Birdcage Walk, paralela ao St. James Park, de onde se viam ao longe os arcos e as torres góticas da Abadia de Westminster. Aquela zona, com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Tesouro, o Parlamento e a Parada da Guarda Montada, tinha grande importância arquitetónica, exsudando pompa e elegância.

Maggie sempre adorara os quadros de Monet que retratavam o Parlamento, os quais vira no Museu das Belas Artes, em Boston — os arcos góticos às diferentes luzes da manhã, do fim da tarde e do pôr do sol. Enquanto caminhavam ao longo do parque, vislumbrou as cúspides, torres e pináculos do Parlamento. Pensou que se pareciam muito mais com um castelo de histórias de encantar do que o Palácio de Buckingham. E era fácil imaginar o Peter Pan e a Wendy a voar para lá da torre do relógio, a caminho da Terra do Nunca.

Na relva verde e espessa do parque, precariamente instalado junto ao passeio, encontrava-se, no chão, um ninho com sete patinhos acabados de nascer, castanhos e macios, respirando em unísono. A mãe pata protetora andava por ali, olhando ameaçadoramente para quem passava, num aviso silencioso. Do seu templo sombrio nas alturas, o Big Ben emitiu sete toques graves e melancólicos, que se propagaram pelo ambiente cor de açafrão do crepúsculo.

— Clemente Minerva, *eu* gostava de beber um copo — disse David. — E a Paige deu-nos ordens rigorosas para te levarmos lá, para celebrarmos.

Maggie sorriu e deu-lhe o braço.

— Bem, não podemos desiludir a Paige, pois não?

PERCORRENDO AS RUAS SECUNDÁRIAS EMPEDRADAS DE Westminster mergulhadas em luz violeta, passaram por edifícios vitorianos protegidos por sacos de areia, *pubs* de esquina pintados de preto e prédios residenciais anónimos, em cujas janelas se viam vasos de aspidistras e um

ou outro gato a dormir. Maggie adorava a sensação de tempo parado que emanava daquelas ruas sinuosas, onde ainda se ouvia o matraquear de cascos de cavalos. Naquilo a que os Franceses chamavam *l'heure bleue*, ou a hora azul, mesmo antes do pôr do sol, era-lhe fácil imaginar a Londres de há milénios, com famílias a viver em cabanas junto ao Tamisa, na época isabelina, para além do reinado eduardiano. Envolto no «Velho Fumo», o tempo parecia poroso e maleável.

Os últimos raios de sol iluminavam o exterior do Rose and Crown. Embora as cortinas opacas do *pub* obscurecessem os candeeiros que brilhavam no interior e as janelas estivessem cobertas por grandes tiras de fita-cola em cruz, quando David abriu a porta, uma luz dourada inundou a rua, juntamente com o som de risos, de música e do bater de copos. Lá dentro, o cheiro a cerveja entornada misturava-se com o fumo de cigarros. Homens de uniforme em licença e mulheres com vestidos leves como flores coloridas gritavam por cima do barulho de fundo.

— Chegou a crise, chegou a multidão — murmurou John.

Perscrutando a turba, Maggie viu Paige num recanto de madeira desgastada, ao fundo da sala, acenando freneticamente.

— Olá! Olá! — exclamou Paige, sobrepondo-se ao clamor geral, enquanto todos se sentavam junto a ela. A sua voz parecia infantil e ofegante. — David, John — disse, estendendo a face para ser beijada por cada um deles. — Gostam do meu chapéu novo? E, Maggie... adoro a tua roupa. Como foi o teu primeiro dia?

Maggie abraçou Paige, que cheirava a *Joy* — com aroma de jasmim e rosas. Tinha as unhas compridas, ovais perfeitas impecavelmente pintadas com um dos cada vez mais raros vermelhos de Elizabeth Arden que Maggie sabia que Paige tinha na cómoda.

Atrás deles, Chuck e o namorado, Nigel Ludlow, abriram caminho por entre a multidão. Paige fez-lhes sinal para se lhes juntarem.

— Bem, não me despediram, já é bom sinal — disse Maggie, chegando-se para o lado para dar espaço a Chuck e Nigel, e depois estendendo a mão e dando um gole no panaché de Paige.

Chuck estava a chegar de um turno no Great Ormond Street Hospital, envergando o seu traje habitual, composto por calças de sarja, sapatos usados e casaco de malha verde-garrafa fechado sobre os seios impressionantes. Tinha o cabelo castanho curto espalmado pelo dia de trabalho exaustivo. Não trazia batom, apenas um colar de pérolas de volta única ao pescoço como sinal de feminilidade.

Nigel era um jovem de corpo cilíndrico com faces rosadas e cabelos escuros e fortes, que lhe caíam sobre um olho. Andara na Faculdade de Magdalen, em Oxford, com John e David. Trabalhara como secretário particular, tal como os outros, mas para o então Primeiro-Ministro Neville Chamberlain. Quando Chamberlain se demitira, Nigel revira a sua ideologia pacifista, e estava agora em vias de se juntar à RAF. Estava a passar os seus últimos dias em Londres com Chuck.

Enquanto David foi ao bar buscar mais bebidas, Paige comentou:

— Ainda tenho pesadelos em que estou a datilografar para o Sr. Kennedy.

— Toda a gente ouviu falar da bomba na estação de Euston? — perguntou Maggie à mesa.

— Horrível, perfeitamente horrível — disse Paige, abanando a cabeça.

— Terrível — disse Chuck. — Adoro a Irlanda e a sua bandeira verde, branca e laranja, de todo o coração, mas o IRA faz-me ter vergonha de ser irlandesa. É isso que representa a maldita bandeira, sabem? Verde pelos celtas, laranja pelos protestantes... e branco pela paz entre eles.

Nigel inclinou-se para ela e pôs-lhe um braço em volta dos ombros, dando-lhe um beijo sonoro na face. Chuck sorriu e, ao fazê-lo, o seu rosto austero desabrochou em algo parecido com beleza.

— Mas a Irlanda ainda é neutral — disse Maggie. Quando a Inglaterra declarara guerra à Alemanha, a Irlanda escolhera a neutralidade, o que fora difícil de engolir para muitos ingleses.

— A maior parte das pessoas da Irlanda apoiam a Inglaterra e o esforço de guerra — disse Chuck. — É o caso da minha família. — Os pais de Chuck eram originários de Dublin, mas haviam imigrado para Inglaterra quando ela fizera quatro anos. O pai tinha um consultório médico em Leeds.

— E os que não apoiam a Inglaterra? Os que apoiam o IRA? Quem está a pôr bombas nas caixas de correio de Londres? — perguntou Maggie. — Quem está a pôr bombas no metro?

— Já te disse: terroristas, extremistas, loucos — disse Chuck. — Como o vosso, como lhe chamam nos Estados Unidos? Ku Klux Klan.

— Bem, vamos ver o que acontece se a Irlanda «neutral» for usada como base para lançar um ataque contra Inglaterra — disse John.

— Pessoalmente, estou farta de que as pessoas pensem que, só por ser irlandesa, sou uma espécie de terrorista — disse Chuck. — Ainda hoje, retiraram-me um caso porque uma mamã paranoica não queria a sua «filhinha

querida» contaminada pela abominável enfermeira irlandesa. — Abanou a cabeça. — Que gaja estúpida.

John baixou a mão e tirou o *Evening Standard* da pasta. «PREPAREM-SE PARA O PIOR!», gritava a manchete.

— Bem, independentemente da neutralidade da Irlanda, agora está a começar a sério — disse ele, tirando o casaco e expondo os suspensórios vermelhos. Sentou-se e arregaçou as mangas da camisa. — A Noruega era neutral, e isso não impediu os Nazis de a invadirem. E agora a Bélgica rendeu-se oficialmente.

Maggie apertou os lábios, tristemente.

— A seguir é a França.

— Obrigado por nos lembrares — disse David, regressando com copos de cerveja.

Chuck virou-se para Maggie, tentando mudar de assunto.

— Então, o teu primeiro dia... como foi? Conta-nos tudo!

— Foi bom, a sério — disse Maggie, sorrindo mais uma vez e tentando não parecer tão cansada e enervada como se sentia. — Tenho a certeza de que vai melhorar. Ah, e fiz frente ao odioso Sr. Snodgrass. Isso foi um ponto positivo.

— Dicky Snot-ass³ — disse David. — É como ele é conhecido no escritório. Não leves a coisa a peito, Magster.

John deu um gole na sua caneca de cerveja coberta de condensação.

— Continuo a não perceber porque é que tu e a Paige ficaram cá. Afinal, são americanas. Podiam ter partido há meses. Provavelmente, deveriam.

Como explicar?, pensou Maggie. Sim, viera a Londres para vender a casa da falecida avó. Porém, no início, sentira-se zangada porque, para o fazer, tivera de desistir de um doutoramento em Matemática no M.I.T — o que não era nada de somenos para uma mulher, mesmo para uma mulher de Wellesley.

Quando chegara a Inglaterra, vinha cheia de raiva — contra as pessoas tacanhas, a má comida e o café fraco, as casas delapidadas e a canalização antiquada. Mas, não tendo conseguido vender a casa, Maggie fora obrigada a instalar-se na velha e degradada casa vitoriana da avó Hope. E descobriu que a casa podia ser reparada, o chá era delicioso e as pessoas inglesas eram muito mais simpáticas do que ela pensara.

Aquelas pessoas, que agora considerava o *seu* povo, estavam a ser mortas em Calais e Dunquerque. A própria Inglaterra podia ser atacada

³ «Snot ass» pode traduzir-se como «idiota presunçoso». (N. de T.)

a qualquer momento — por mar, por ar, por exércitos terrestres de soldados implacáveis vestidos de castanho. Os jovens alegres de faces rosadas; as crianças que jogavam às pedrinhas sob o olhar atento das mães; os idosos grisalhos nos parques, a passear os seus cães ainda mais idosos e grisalhos — todos eles seriam dizimados pelas tropas de Hitler com o seu passo de ganso.

Maggie acabara por ver os Nazis, não como pessoas, tão egoístas, insensatas e, em última análise, defensáveis como quaisquer outras, mas como robôs seguindo cegamente as ordens de um louco. O catalisador do seu ódio fora um artigo que lera no *The Times*, acerca dos soldados nazis que tinham invadido uma cidade e posto todas as idosas judias em fila. Tinham obrigado essas mulheres, muitas delas já avós, a subir às árvores e a cantar como pássaros. Elas deviam ter ficado aterrorizadas, pensara Maggie. E havia qualquer coisa nas novas técnicas de guerra que a fizera compreender que aquele era um conflito totalmente sem precedentes.

Apesar do seu próprio ego, egoísmo intrínseco e preocupações triviais, Maggie acabara por amar Inglaterra. Londres não era apenas o local onde os seus pais tinham vivido antes do seu trágico acidente de viação, mas também onde ela teria crescido se isso não tivesse acontecido.

Descobriu que dera o seu coração a Inglaterra e que queria vê-la em segurança. Não podia partir agora. Fugir para a América significaria virar as costas à sua herança, à sua casa — até a si mesma. Não importava se John compreendia isso, ou mesmo se a tia Edith o compreendia. Maggie decidira ficar, e ia manter essa decisão.

— É verdade — disse, por fim —, mas, se partíssemos, como ficariam vocês?

— Se ao menos pudéssemos convencer os Estados Unidos... e não só vocês as duas... a entrar no conflito — disse David, melancolicamente. — O Velhote está a tentar tudo, sabem? Está praticamente a pôr-se de joelhos e a suplicar ao Roosevelt que lhe ceda uns navios de guerra velhos.

— Mas eu percebo o Roosevelt — disse Paige. — Outra guerra? Depois da última? E da Depressão?

— Americanos — disse John, fungando. — Chegam atrasados a todas as guerras.

— Os americanos *vão* entrar! — disse Maggie, aborrecida, porque John aproveitava todas as oportunidades para protestar contra o que via como falta de interesse dos Americanos. — E não só para fornecer barcos e balas, mas também tropas.

John ficou embaraçado.

— Temo que o vosso presidente tenha a moralidade de um cata-vento.

Maggie deitou-lhe um olhar furioso.

— E a Grã-Bretanha não ficou sentada a ver quando o Hitler anexou a Áustria e invadiu a Região dos Sudetas? E a Checoslováquia? E a Polónia?

John foi apanhado de surpresa.

— Não se tivesse dependido do Churchill...

— E até aos últimos meses, o Churchill foi retratado pelos jornais como velho, insignificante e belicista... como alguém que derrama o sangue inglês levemente, e que tenta desesperadamente preservar um estilo de vida que já está extinto desde a morte da Rainha Vitória — concluiu Maggie.

— Chega, chega, vocês os dois! — exclamou Paige. — Temos de vos separar?

— *E não tenho a certeza de que seja boa ideia deixar os estrangeiros terem opiniões tão delicadas em tempo de guerra* — acrescentou John.

Que homem tão irritante.

— John, não só sou britânica por nascimento, como estou a fazer a minha parte no esforço de guerra. — Maggie deu a mão a Chuck e a Paige. — Estamos *todas*. Por isso, talvez devesse estar grato pela ajuda.

David sorriu.

— Ah, a encantadora modéstia americana.

— Olha, não queria insultar-te — disse John, seguindo com os dedos a marca antiga de uma caneca de cerveja na mesa de madeira. — É que... são tempos incertos... como a Diana Snyder descobriu tarde de mais.

— A rapariga que trabalhava no Número Dez? — perguntou Nigel.

— Os jornais dizem que foi assaltada — observou Chuck. — Faltava-lhe a carteira. Caso solucionado.

— *Claro* que os jornais dizem isso — afirmou John. — Estamos em guerra. Acontecem coisas. Coisas desagradáveis. E, às vezes, não são tão simples como parecem. Com certeza não acreditam em tudo o que leem nos jornais, pois não?

— Então *achas* que ela foi... assassinada? — perguntou Maggie. — Porquê?

— Digamos apenas que é uma investigação em curso.

— John, tem dó — disse Paige, convocando o seu melhor sotaque sulista e envolvendo Maggie com o braço. — Lá porque *tu* és paranoico, isso não quer dizer que toda a gente te queira matar. Além disso — acrescentou,

fungando —, ninguém reparou sequer no meu chapéu novo... e gastei quase todas as minhas senhas de vestuário nele.

Chuck revirou os olhos; Maggie deu-lhe um pontapé suave por baixo da mesa.

John não mordeu o isco.

— Isso não seria um problema se os Estados Unidos participassem nesta guerra.

— Acredito sinceramente que a América vai entrar na guerra — disse Maggie.

— Sim, pode sempre contar-se com os Estados Unidos para fazerem o que está certo... depois de terem esgotado todas as outras opções — disse John.

Maggie estava prestes a retorquir quando David se levantou com elegância.

— Bem, não vamos matar-nos uns aos outros quando há muitos alemães à espera para fazerem precisamente isso. Vamos dançar, pode ser?

— Vamos — resmungaram Maggie e John em simultâneo.

David virou-se para Paige.

— E devo dizer, minha querida, que adoro o teu chapéu. Ficas absolutamente adorável com ele.

O rosto de Paige iluminou-se por baixo da sua confeção de flores e fitas.

— Obrigada, David. *Tu* és um verdadeiro cavalheiro.